

O ELEMENTO HOMOERÓTICO EM ROBERTO PIVA E EM JORGE MAUTNER

Thiago de Almeida Noya
UERJ

Esta comunicação se estrutura a partir da minha proposta de estudos no Mestrado de Literatura Brasileira da UERJ. Ela consiste em investigar a literatura marginal focalizando as transgressões sexuais que essa geração proporcionou, em especial analisando o papel que o homoerotismo desempenhou e como se configurou nas práticas sociais da “vida literária” e nas obras poéticas em si. Assim, procurarei abordar as problemáticas que se têm aberto aos meus estudos e os principais obstáculos que venho obtendo nesse primeiro momento, em que me encontro em busca de instrumental teórico adequado. Trarei então essas questões que se abrem devido às próprias peculiaridades do meu objeto de análise e que, muitas delas, tornam difícil uma abordagem do homoerotismo em dois autores como Jorge Mautner e Roberto Piva.

O primeiro problema, talvez o mais simples, diz respeito à quase inexistência de material crítico sobre esses autores. Não existem livros sobre eles. Sobre Piva existe um texto crítico – de autoria de Cláudio Willer – prefaciando a segunda edição de seu livro *Piazzas* e Jorge Mautner possui em alguns de seus livros prefácio breves de apresentação geral feitos por intelectuais, como Mário Schemberg, e poetas, como Paulo Leminsky. Por causa dessa ausência de material crítico, trabalhar com esses autores implica, de certo modo, estar participando do primeiro passo da recepção crítica dessas manifestações literárias.

A literatura marginal chamou muita atenção dos meios universitários nos anos 70, tendo sido veementemente negada e tachada de não-literatura por alguns, enquanto que outros buscavam compreender e sistematizar o fenômeno sociocultural e literário, tentando entendê-lo, assimilá-lo como um todo. Dessa forma, muito pouco ainda foi revisto e a literatura marginal

ainda aguarda estudos que focalizem questões específicas, proponham análises individuais de autores e temas – um aprofundamento para o qual espero que meus estudos contribuam.

No caso de Roberto Piva e Jorge Mautner, é preciso levar em conta que, apesar de terem sido incluídos na poesia marginal dos anos 70 por parte desse primeiros intelectuais que investigavam o “marginal”, começaram a escrever seus textos na década de 60 e em São Paulo, não no Rio de Janeiro, olho do furacão da literatura jovem daqueles anos. Cumpre então investigar a questão da geração 60, que considero o ponto fraco nas abordagens dos intelectuais estudiosos da época. Eles não levaram em conta a presença do grupo de poetas que publicavam com o editor Massao Ohno a partir do início dos anos 60, em São Paulo; grupo heterogêneo, mas de muitas características em comum, ao qual pertenceu o poeta Roberto Piva.

Creio, então, que ao abordar Roberto Piva em uma pesquisa que focalize a literatura marginal é preciso reavaliar tais poetas, os *Poetas Novíssimos paulistas* (o nome vem de uma antologia da época, publicada também por Massao Ohno). É preciso estudar suas peculiaridades, verificando o lugar/papel que lhes pertence; em outras palavras, é preciso avaliar sua inserção no fenômeno marginal como um todo, já que eles são bem anteriores ao surto das publicações marginais cariocas, a chamada Geração de Mimeógrafo. São anteriores ao Golpe de 64 e do AI-5; ou seja, surgiram poeticamente antes do fechamento do sistema, mas sem que se possa enquadrá-los na dita poesia engajada dos CPCs, de que fala Heloísa Buarque de Hollanda em seu *Impressões de Viagem*¹.

Eram poetas muito influenciados pelo Surrealismo, mas também pelos Beatniks: uma fusão de pressupostos estéticos e ideológicos que os fez pré-figurarem as idéias de vida experimental que puderam ser observadas na geração 70. Propunham uma valorização da experiência como chave do desregramento das relações do corpo, processo que se espelhava no

¹ São Paulo: Brasiliense, 1981.

fazer poético, nos permitindo pensar na noção de *desbunde* – termo caro aos críticos que estudaram a literatura marginal carioca nos anos 70 – antes mesmo do movimento tropicalista de fins dos 60. Neles já estavam contidos os ideais contraculturais da contestação pelo corpo, do engajamento na própria vida, da transgressão ao nível do indivíduo e de suas relações (e as relações de seu corpo) com o mundo.

No caso de Roberto Piva, uma leitura pouco rigorosa do homoerotismo de sua obra poderia fazer com que justificássemos este através de sua biografia. É preciso enxergar além do meramente biográfico, considerando as relações de sua obra com a estética surrealista, as colagens imagéticas que pintam quadros poéticos ao estilo de Dalí: “bacharéis praticam sexo com liquificadores como pederastas cuja santidade confunde os zombeteiros” (PIVA, 2000: 78). A escritura do poeta estraçalha e reinventa a ordem do cosmo e instaura uma sexualidade própria que a mente criadora engendrou. Se examinarmos a obra do poeta, é possível notar nos fragmentos das imagens uma erotização da adolescência, tomadas diversas referências: “destrinchando barrigas adolescentes numa Apoteose de intestinos” (PIVA, 2000: 17), “onde adolescentes maravilhosos fecham seus cérebros para os telhados estéreis e incendeiam os internatos” (PIVA, 2000: 27), “Os adolescentes nas escolas bufam como cadelas asfixiadas” (PIVA, 200: 53), “há jovens pederastas embebidos em Lilás” (PIVA, 2000: 58), “meninos visionários arcanjos de subúrbio entranhas em êxtase alfinetados nos mictórios atômicos” (PIVA, 2000: 88).

Conectando esses fragmentos de imagens constituímos uma espécie de “sexualidade pederasta”, no sentido grego da pederastia, onde o *eros* do poeta por seu efebo faz parte de um processo de inserção deste nas práticas sociais – no que diz respeito à poética de Piva, tratando-se

de uma inserção na lógica do desregramento das sensações e da experiência, da rebeldia existencial e poética.

Em Jorge Mautner, também começando a publicar em São Paulo, no início dos 60, temos o caso de uma figura única no contexto cultural marginal. Trata-se de um *prosador* que escrevia ensaios e volumes de contos ou fragmentos, ligados a todo um *corpus* de pensamento utópico, chamado *Kaos*. Uma espécie de partido ou força anarquista desenvolvida pelo autor e que norteou sua obra, ao mesmo tempo em que ia sendo constituída ao longo dela. Neste sentido é que sua obra ensaística – meu foco nesse momento inicial – vem contribuir para uma melhor possibilidade de compreensão de sua cosmologia existencial-social-comportamental.

Nesses ensaios, publicados ao longo da década de 70, Mautner exaltava a sexualização como parte da consequência histórica de um movimento que ele descreve como uma “dança ecológica”. A ecologia seria o sintoma de um mundo que repensa o lado destrutivo da sua força masculina (*yang*) e busca revalorizar o elemento feminino (*yin*) reprimido. Este seria o elemento da flexibilização, do dionisismo, do excesso, do inconsciente, da irracionalidade sexual (sem tom pejorativo). O contexto dos 60 então teriam sido para ele o momento em que o homem iniciou o retorno ao equilíbrio *yin/yang*. Aliás, a idéia de equilíbrio é a essência do seu conceito de *Kaos*. Ele representaria a relativização de todos os valores, onde se incorporariam a vida e a morte, o apolíneo e o dionisíaco, o caos e a ordem, valores que se equilibram dinamicamente: “O *Kaos* com K é o contrário do caos com c mas também engloba, de maneira totalizante, em perpétuo movimento, em elipse e fundamenta-se no Espaço EINSTEINIANO. É o vis-à-vis artístico da física-química-matemática relativistas.” (MAUTNER: 1980: 100). Estariam incluídas ao mesmo tempo, então, as forças micropolíticas, as “minorias”, junto a um pensar sobre o todo, síntese dos fragmentos.

Introduzidos os poetas, suas poéticas e complicadas questões geracionais, podemos nos dirigir para o centro das atenções: as dificuldades que essas obras e as características ideológicas e culturais dos 60 e dos 70 apresentam para uma tentativa de abordagem do elemento homoerótico.

Essa dificuldade reside no choque entre o que seriam os procedimentos teóricos dos chamados *gay and lesbian studies* e as práticas e ideologias da sexualidade na contracultura. Primeiramente apresentemos os *gay and lesbian studies*. Essa perspectiva de entendimento do homoerotismo na cultura pressupõe a circunscrição de uma identidade gay e lésbica, integrante de uma homocultura desenvolvida a partir dos eventos de *Stonewall* e conseqüentes movimentos de reivindicações dos direitos dos homossexuais, como o *Gay Liberation Front*. A existência dessa *identidade gay* seria fundamental, então, segundo José Carlos Barcellos², para que um leitor/crítico pudesse abordar um determinado texto literário através dos aspectos homoeróticos. Ocorreria, segundo o crítico, uma “fusão de horizontes” de expectativa de leitura, proporcionado pelo “‘encontro’ entre leitor e obra no ato de leitura”. Daí, a interpretação seria “um movimento que, partindo de uma pré-compreensão do texto, decorrente do caráter necessariamente situado do sujeito humano, confronta essa mesma pré-compreensão com os dados textuais, o que gera uma nova compreensão e uma nova aproximação interpretativa e assim por diante.” (BARCELLOS, 2000: 17)

O “choque” da abordagem dos *gay and lesbian studies* com autores da contracultura como Roberto Piva e Jorge Mautner reside justamente na problemática da identidade. Foi exatamente a partir dos anos 60 e da contracultura que tiveram início as contestações micropolíticas: militâncias de gays, de negros, de mulheres. Contudo, a contracultura e as manifestações culturais

² Literatura e Homoerotismo Masculino: Perspectivas Teórico-Metodológicas e Práticas Críticas. *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, vol.8, nº8, 2000.

influenciadas pelos ideais hippies, beatniks e as filosofias místicas orientais, paralelamente aos movimentos de militância, eram marcadas justo por uma vontade de não definição de identidade. Falava-se em equilíbrio masculino e feminino (*yang/yin*) – vide Mautner –, havia uma idéia de desrepressão das práticas do corpo e de experimentação pairando no ar. Estavam em moda as idéias do filósofo Herbert Marcuse, contidas em *Eros e Civilização*, sobre a *sublimação não-repressiva* da libido sexual, um estágio utópico da civilização em que a sexualidade perderia sua hegemonia genital através de uma erotização total da personalidade. Isto permitiria que a sexualidade, transformada em *Eros*, criasse “relações humanas altamente civilizadas sem estar sujeita à organização repressiva que a civilização estabelecida impôs ao instinto”. (MARCUSE, 1998: 179).

Em suma, ao invés da rigidez das normatizações em categorias sexuais de gays e lésbicas, seria mais apropriado para a literatura marginal a já constituída noção de *desbunde*, exaltada por inúmeros críticos da época, como a já citada Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira. Contudo, o termo *desbunde* me parece merecer maior atenção crítica por parecer demasiado abstrato, toda a vez que abordado em textos sobre os “marginais”. Uma das grandes questões da pesquisa que venho desenvolvendo é exatamente analisar esse conceito, tornando-o mais preciso sobre o que de fato pode significar e o que de fato pode apenas mitificar no que diz respeito às práticas da sexualidade da época.

Além disso, o problema do centramento da perspectiva dos *gay and lesbian studies* na identidade homoerótica, a princípio, me oferece um certo desconforto porque se propõe na esteira da busca de construção da memória de uma cultura e de um cânone literário gays. Sem pretender criticar, mas pelo contrário, reconhecendo a importância da existência, e mais ainda, da visibilidade de tais perspectivas de estudo no Brasil e no mundo, tenho enquanto intelectual o desejo de abordar a temática do homoerotismo menos para servir diretamente a uma causa gay do

que para, indiretamente (e de modo mais eficaz?), retomar um dado autor, uma dada obra ou período e reinscrever as problemáticas homoeróticas que tenham sido sublimadas ou descartadas no histórico das leituras de tais autor, obra ou período. Em suma, tentar estudar o homoerotismo em Roberto Piva e Jorge Mautner é também contribuir para o avanço das conquistas e da valorização social de gays e lésbicas, trazendo à tona possíveis elementos homoeróticos e mesmo as dificuldades em lidar com a sexualidade polimórfica dessa geração, que são questões pertinentes para a própria compreensão desses autores e da expressividade de suas poéticas: o meu maior objetivo. Um trabalho teórico que não concerne somente aos debates da identidade e cultura gay/lésbica, mas aos debates literários em geral.

No sentido inverso, no processo de escolha da melhor possibilidade de abordagem da problemática do homoerotismo no meu objeto de estudo, tenho tomado contato com outra perspectiva de análise que parece ser bastante produtiva e talvez mais adequada, como procurarei demonstrar. Trata-se da teoria *Queer*, que surgiu no início dos anos 90, como reação às abordagens da cultura e da arte ligadas aos *gay and lesbian studies*, baseadas no pressuposto das identidades. *Queer* significa “estranho” e é usado como alternativa para *gay* pois “enquanto *gay* parece apoiar-se num discurso clássico que crê nas categorias e busca respeito e integração no sistema social, *queer* nasce com uma vocação mais rebelde, como uma autêntica afirmação da excentricidade” (MIRA, 1999:601)³. Contudo, a teoria *Queer*, praticada entre outros por Eve Kosofsky Sedgwick e Michael Warner, é criticada por uma suposta “despolitização que o projeto de dissolução da identidade *gay* acarreta” (BARCELLOS, 2000: 15).

Descentrando a questão da sexualidade gay e lésbica em um conceito que “pretende abarcar quaisquer práticas eróticas excêntricas ou desviantes em relação aos ‘regimes de normalidade’” (BARCELLOS, id.), a teoria *Queer* trabalha a homossexualidade associada à

³ Apud BARCELLOS, José Carlos. *Id.* p.14.

heterossexualidade, considerando as questões homoeróticas como “pertinentes para o conjunto de uma sociedade em rápida transformação diante de novas tecnologias, em que as imagens virtuais, sintéticas, são reproduzidas eletronicamente e as identidades se apresentam de forma mais instável e complexa, reafirmando vínculos entre política e cultura, teoria e prática, na criação de novos contextos” (LOPES, 2002: 24). Não haveria então uma perda de identidade, mas uma reformulação das noções de identidade que então se dinamizariam ao serem abandonadas as categorias estanques de *gay* e *lesbian*.

Para o tipo de trabalho que pretendo desenvolver com a literatura marginal, esse projeto de estudo da sexualidade baseado na separação de “práticas eróticas excêntricas ou desviantes em relação aos regimes de normalidade” (BARCELLOS, 2000: 15) pode se tornar bastante produtivo, ao respeitar as características não guetificantes da sexualidade nas obras de Piva e Mautner.

No caso de Mautner, a “desculpa” autobiográfica que poderia ser concedida ao horizonte de expectativas do leitor/crítico de Piva – Roberto Piva era e é assumidamente *gay* – não se confirma. Nunca tendo assumido ser gay ou bissexual, mas apresentando a prática homoerótica em alguns de seus contos e ensaios, é importante observar o papel desta como desrepressora do *eros* humano no projeto poético do autor de *Kaos*. Sendo que, mesmo no caso de Piva, havia uma postura assumida de constituir uma obra de transgressão de costumes e atitudes (sexuais também), um sentido utópico anarquista de desregramento da experiência cotidiana que não admitiria a inserção de seu projeto poético na perspectiva dos estudos gay-lésbicos.

Os meus esforços têm sido então revisitar tais poéticas, buscando lançar sobre elas uma análise que não seja um mero discurso de emulação nostálgica da utopia polimórfica da sexualidade da geração contracultural/marginal, conseguindo conjugar o sentido transgressor e

polimórfico que elas contém com uma abordagem contemporânea dos estudos da sexualidade. Um esforço teórico para o qual a teoria *Queer* parece fornecer bastante suporte.

Neste sentido, é importante destacar que o projeto de Jorge Mautner se aproxima bastante das idéias de reformulação das noções de sujeito da teoria *Queer*, do centramento sobre os desregramentos/afastamentos da norma que esta teoria propõe. Vejamos um trecho de um ensaio seu sobre a performance de Ney Matogrosso: “a boneca, a bichice, a frescura, as plumas, a gratuidade dos brilhos de lantejoulas faiscantes, são exatamente aquilo que a ideologia machista-fascista quer que o homossexual, e o amor homossexual se torne, se conforme em ser, colonizadamente exibindo seus trejeitos neuróticos, como marcas de separação, suásticas, ou qualquer símbolo apartheidiano dizendo: este ser não é igual a nós! (...) a boneca, o machão, a mulher-objeto, não existem. São caricaturas da imaginação fascista, que divide o mundo em castas, classes, raças, hierarquias, superiores, inferiores, etc.” (MAUTNER, 1980: 40)

Considerar a proposta de contestação através do projeto de desvio e reformulação das categorias de sujeito na vida e na obra de Jorge Mautner pode ser um viés relevante para retomar uma obra esquecida, mal lida e aparentemente datada. Revisitar autores como Mautner e Piva e os pressupostos utópicos de ambos (ou talvez já não um tanto pós-utópicos?), lançando sobre eles um olhar contemporâneo pode ser uma tarefa produtiva, tanto para revalidar suas obras, como para contribuir na compreensão das próprias questões do contemporâneo.

Referências Bibliográficas:

- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Homoerotismo Masculino: Perspectivas Teórico-Metodológicas e Práticas Críticas*. Caderno Seminal, Rio de Janeiro, vol.8, nº8, 2000, p7-42.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LOPES, Denilson. *Escritor, Gay*. In: __. *O Homem que Amava Rapazes*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p19-42.

MARCUSE, Herbert. *A Transformação da Sexualidade em Eros*. In: __. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999, p174-204.

MAUTNER, Jorge. *Panfletos da Nova Era*. São Paulo: Global, 1980.

PIVA, Roberto. *Paranóia*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.